

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ANDREA CAMELO DE FREITAS

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

CHEGA DE MÁGICA

Menos mago e mais interessado em prestígio, Paulo Coelho diz que telepatia é "sacal" e se proclama de vanguarda.

Thaís Oyama

Fama e fortuna Paulo Coelho já tem de sobra. Agora, quer respeito. O escritor de 32 milhões de livros vendidos no mundo, amado pelo público e espinhafrado pela crítica, decidiu partir para um novo patamar: o que ele escreve não só vende como, afirma, tem qualidade, sim. “Estou absolutamente convencido de que o que eu faço é bom”, diz. Aos que chamam de tosco seu estilo, que ele prefere classificar de “direto”, replica: “Burro é quem não sabe se explicar”. Nessa trajetória em busca do reconhecimento, o escritor parece ter sacrificado o mago, como ele próprio se classificava na fase esotérica. O novo Paulo Coelho não troca uma discussão acadêmica (até na própria Academia Brasileira de Letras, se o destino assim o permitir) por encontro algum com mestres enigmáticos e entidades de outros planos. Diz que não faz mais ventar, afirma ter preguiça de conversar com seus discípulos e declara preferir o fax à telepatia, agora definida como “um negócio sacal”. Mágica mesmo continua sua auto-estima: na entrevista a seguir, Paulo Coelho alinha entre suas referências literárias vultos do porte de Henry Miller e Jorge Luis Borges.

Veja – *Seus livros têm falado cada vez menos de esoterismo. O senhor ainda se considera um mago?*

Coelho – *A ideia do mago é muito mais uma questão de percepção do universo. É uma maneira de olhar o mundo além da realidade concreta. Mas eu tenho vários livros que não tocam em magia. Meus livros falam de questões filosóficas.*

Veja – *Seria esse o ponto comum entre eles, na sua opinião?*

Coelho – *O ponto em comum é uma coisa chamada estilo. Do meu primeiro livro até agora, eu tenho mantido um estilo que é absolutamente direto, enxuto. Vou cortando,*

cortando, até chegar à essência da coisa. No começo, isso foi mal interpretado. Achavam que era uma coisa superficial. Mas é essa característica que dá aos meus livros o seu aspecto único.

Veja – *Depois de tanto sucesso, as críticas ainda o incomodam?*

Coelho – *Eu sou um autor muito polarizador: as pessoas me amam ou me odeiam. Estou acostumado. Mas a única crítica que me magoou não foi dirigida a mim. Foi quando disseram que meu leitor era burro. Eu não quero generalizar, mas existe um fascismo cultural no país.*

Veja – *O senhor se sente perseguido pela crítica?*

Coelho – *Acho que são perseguidos por ela todos os que não se enquadram num certo padrão, que é o de valorizar o que é incompreensível e inacessível. Só que, felizmente, isso só vale para a crítica, que se isolou da realidade. As pessoas que escrevem esse tipo de coisa ficam numa torre de marfim, sem saber o que se passa em torno delas. Acham que estão abafando, que está todo mundo escutando o que elas dizem. Só que não sabem que ninguém dá ouvidos a elas. De que adianta um livro que impressiona, mas que não é lido? O que eu disse sobre James Joyce é verdade: ele é ilegível, ilegível.*

Veja – *Mas livros como Ulisses e Finnegans Wake, de Joyce, são considerados marcos do modernismo, talvez dos mais geniais do século XX. O senhor acha que a sua obra irá sobreviver também?*

Coelho – *O fato de uma obra sobreviver não quer dizer que ela seja lida. Eu tentei ler Ulisses, não consegui e achei que era burro. Só que eu não sou burro, Ulisses é que é ilegível. Mas as pessoas se acovardam muito para falar dessas coisas. Você tem sempre de passar a ideia de que entendeu tudo. E a culpa não é sua, a culpa é dos caras que escreveram. Eles têm a obrigação de ser claros. Burro é quem não sabe se explicar. Mesmo um livro como Sidarta, do Hermann Hesse, é uma coisa mal-acabada. O cara não soube acabar o livro, entendeu? Termina com aquela frase: “Tem que olhar o rio”. Que rio, pô? Acho que o Hermann Hesse não sabia como terminar o livro e meteu essa história aí de rio.*

Veja – Hesse é um prêmio Nobel...

Coelho – Sim, mas eu tenho direito de dizer isso sobre ele, até porque foi um escritor que me marcou muito. O fato de Sidarta acabar mal não invalida o resto do livro.

Veja – Houve uma época em que o senhor dizia que era capaz de promover magias como fazer ventar, por exemplo. Hoje se arrepende dessas declarações?

Coelho – Não me arrependo, porque isso é verdade.

Veja – O senhor pode fazer ventar agora?

Coelho – Não, não faço mais. Isso é bobagem. Não preciso mais fazer demonstrações públicas.

Veja – E magias em benefício próprio? O senhor dizia que costumava abrir o trânsito com a força do pensamento. Ainda faz isso?

Coelho – Não, de jeito nenhum. Não vou gastar energia com isso. Já fiz, já passou.

Veja – Não fica mais invisível, como dizia ficar?

Coelho – Não, isso é inútil. Gasto minha energia em outras coisas agora.

Veja – Então, o senhor abriu mão da magia?

Coelho – Talvez desse tipo de magia. Acho que faz parte do aprendizado brincar um pouquinho. Depois, tem de falar sério. Descobri que essas coisas não são importantes. Esse negócio de fazer chover, por exemplo. Pô, o que que isso vai me ajudar? Além disso, já cheguei a dar três grandes demonstrações públicas do que eu sou capaz e acho que basta.

Veja – Quais foram elas?

Coelho – Uma foi para o jornal O Globo, em 1987. Eu disse que fazia ventar, a jornalista pediu para fazer e eu fiz [na reportagem mencionada, a jornalista não pede ao escritor que faça ventar. Relata ter ficado impressionada com o fato de uma forte ventania ter ocorrido logo após ela ter perguntado se ele era de fato um mago]. A segunda foi para a

Marília Gabriela, assim que o presidente Fernando Collor foi eleito. Ela me perguntou como seria o seu governo. Eu disse: daqui a dois anos ele se ferra [a apresentadora informou, por meio de sua assessoria, que o episódio não ocorreu em seu programa]. A terceira foi quando o Jô Soares me perguntou se eu sabia o nome do namorado da Zélia [então ministra da Economia, que teve um romance com o colega Bernardo Cabral]. Eu dei as iniciais [o apresentador disse que nunca perguntou a Paulo Coelho o nome do namorado da ex-ministra. Informado de que o próprio escritor havia relatado o episódio, disse que talvez não se lembrasse].

Veja – *É uma etapa ultrapassada, então?*

Coelho – *Digamos que foi um período de brincadeira, e brincar é permitido a todo mundo, até porque a vida é muito lúdica. Eu não tiro o valor dessa época em que via essa coisa da magia até com um certo deslumbramento. (...)*

Veja – *O senhor não se acha devidamente respeitado?*

Coelho – *O respeito principal eu tenho, que é o respeito do meu leitor. E não tenho complexo. Eu sou um ótimo escritor. Um ótimo escritor. E sou vanguarda.*

Veja – *Quais as características de sua obra que a fazem ser vanguarda, na sua opinião?*

Coelho – *Primeiro, o fato de ela ser rejeitada pelo sistema acadêmico. E depois o fato de o público gostar dela. Porque o público sempre pensa à frente. (...)*

Veja – *O senhor tem uma boa auto-estima, não?*

Coelho – *Eu diria que sou uma pessoa absolutamente convencida do que faço e absolutamente convencida de que o que faço é bom. (...)*

Veja – *O senhor dizia que, na qualidade de mago, tinha alguns discípulos no Brasil e fora dele. Ainda tem?*

Coelho – *Infelizmente. Quer dizer, retiro o infelizmente. Tenho porque sou obrigado. Mas eu não tenho o menor saco. Tenho muita preguiça e muito pouca paciência.*

Veja – *E o senhor ainda fala com J. [empresário que mora na Holanda e a quem o escritor se refere como seu mestre em alguns de seus livros]?*

Coelho – *Falo eventualmente.*

Veja – *O senhor dizia que costumava falar com ele inclusive por telepatia.*

Coelho – *Não, não. Telepatia dá muito trabalho, um negócio sacal. É por telefone ou fax mesmo.*

COELHO, Paulo. *Chega de magia*. In: *Veja*, Abril, São Paulo, p. 15, 22 ago. 2001. Entrevista concedida a Tháís Oyama.

ATIVIDADES DE LEITURA

QUESTÃO 1

De acordo com o que estudamos sobre o gênero entrevista, entre outras coisas, vimos que ele é marcado em geral, por duas vozes que dialogam. Da entrevista em estudo, destaque e caracterize as duas vozes e aponte os recursos que marcam essas vozes.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Nessa questão, o aluno deverá observar que as vozes presentes são da entrevistadora Tháís Oyama, devidamente identificada no topo da matéria e o entrevistado é o escritor Paulo Coelho, também identificado no início da entrevista, sobre o qual é feito um breve relato de

sua trajetória. Quanto ao recurso utilizado para marcar as vozes, nesse caso há utilização da marca em negrito apontando a fala de cada um - Veja e Coelho.

QUESTÃO 2

Conforme estudamos no ciclo anterior (reportagem), a entrevista traz diversas marcas de oralidade. Destaque algumas presentes no texto em estudo.

Habilidade trabalhada

Reconhecer a natureza dialógica da linguagem e os recursos para marcar o locutor e o interlocutor.

Resposta comentada

Algumas marcas próprias da linguagem oral aparecem na entrevista, mesmo após a retextualização. Na entrevista com Paulo Coelho, observamos algumas repetições, uso da linguagem informal e uso de gíria, que são marcas próprias da linguagem oral. Seguem alguns exemplos possíveis: “... *ele é ilegível, ilegível.*”; “... *E a culpa não é sua, a culpa é dos caras que escreveram.*”; “...*já fiz, já passou.*”. Lembrando que há outras possibilidades, as quais devem ser analisadas pelo professor.

QUESTÃO 3

Quanto ao tratamento dado à informação na reportagem e na entrevista, podemos apontar como uma das diferenças a maior impessoalização dada à reportagem em relação à entrevista, o que pode ser observado no texto em estudo. Cite algumas passagens que confirmem essa afirmação.

Habilidade trabalhada

Comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista

Resposta comentada

Retomando o que foi estudado no ciclo anterior, nessa questão o aluno deverá perceber que na entrevista há uma informalidade, uso de gírias, como não se observa na reportagem, além do uso predominantemente da primeira pessoa do discurso. Algumas passagens evidenciam a informalidade e pessoalidade, assim como marcas de opinião, dentre elas: “...*Mágica mesmo continua sua auto-estima:...*” – ao utilizar o termo *mágica*, fazendo referência a auto-estima do entrevistado, a repórter deixa transparecer uma certa ironia. Outro exemplo, agora de informalidade está na citação: “...*Tem que olhar o rio. Que rio, pô?*”

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Uma das funções muito presentes no gênero entrevista é a função fática da linguagem, cuja ênfase recai sobre o canal e que procura estabelecer e manter o contato entre os interlocutores. Diante disso, retire do texto um exemplo dessa função.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Como informado no enunciado da questão, a finalidade da função fática é manter o contato, não perdê-lo. Isso se evidencia na seguinte passagem: “*O cara não soube acabar o livro, entendeu?*” Em que a expressão ‘*entendeu?*’ é uma testagem do canal de comunicação.

QUESTÃO 5

Nos gêneros estudados nesse bimestre – Reportagem e Entrevista - destacamos três importantes funções da linguagem: a referencial, a metalinguística e a fática. A função cuja finalidade é transmitir um conhecimento e enfatizar a mensagem é a referencial e está presente também na entrevista. Sendo assim, retire do texto gerador I, um exemplo de função referencial.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Alguns exemplos podem ser retirados do texto, que trazem alguma informação e enfatizam a mensagem, embora a entrevista em questão seja essencialmente pessoal, em alguns momentos a função referencial predomina. Alguns destaques:

“O escritor de 32 milhões de livros vendidos no mundo, amado pelo público e espinhafrado pela crítica...”; “... a apresentadora informou, por meio de sua assessoria, que o episódio não ocorreu em seu programa.” Outras alternativas devem ser analisadas.

QUESTÃO 6

No estudo das vozes verbais, observamos que a escolha do sujeito como agente ou paciente reflete a preferência do autor sobre o aspecto ao qual será dado maior ênfase. Deste modo, na voz passiva, quem sofre a ação recebe maior evidência, passando a ser, portanto, o “*ponto de partida*” da frase. Essa, também, seria uma forma de valorizar mais o processo que o próprio agente, o qual passa a ser omitido. Sendo assim, retire do texto uma passagem que evidencie o sujeito paciente e explique o efeito de sentido gerado por essa escolha.

Habilidade trabalhada

Reconhecer os efeitos de sentido gerados pela escolha do sujeito como agente ou paciente

Resposta comentada

Para responder a essa questão será necessário recordar as vozes verbais, destacando o valor da escolha do sujeito agente ou paciente. É importante reforçar que no caso do sujeito agente quem tem destaque é o próprio sujeito, ou seja, quem pratica a ação de fato. Por outro lado, o sujeito paciente, fica em segundo plano; sendo enfatizada a ação em si. Portanto, um

trecho que aponta ênfase ao fato e não ao sujeito, seria: “*A segunda foi para a Marília Gabriela, assim que o presidente Fernando Collor foi eleito.*” Em, “o presidente Fernando Collor foi eleito”, a ênfase recai no fato da eleição e não no próprio presidente.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

Agora que você já conhece as principais características do gênero, em grupo de até cinco alunos, entrevistem uma pessoa que julguem importante de sua escola. Pode ser o diretor, um professor, um funcionário ou algum aluno que se destaque.

Para que o trabalho seja bem-sucedido, siga o seguinte plano:

- A entrevista deve ser marcada com antecedência, informando-se o entrevistado sobre o assunto e a duração do encontro;
- Procurem informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista;
- Façam um roteiro com perguntas breves e objetivas;
- A entrevista deverá ser gravada;
- O grupo deverá ouvir a gravação para que seja compreendida;
- É imprescindível que o texto de entrevista seja introduzido por uma apresentação da pessoa entrevistada. Recomenda-se também que o texto não seja muito longo, para que não haja informações desnecessárias;
- Em seguida a conversa deverá ser transcrita, no registro padrão da língua, eliminando-se as repetições, as interrupções e as hesitações;
- As perguntas deverão ser facilmente diferenciadas das respostas;
- Por fim a entrevista de cada grupo deve ser afixada no mural da sala ou publicada em um blog, para que os outros grupos tenham oportunidade de fazer uma leitura.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog.

Comentário

Antes de iniciar a atividade de Produção Textual, você pode retomar, com seus alunos, as principais características composicionais, temáticas e estilísticas dos dois gêneros, já abordadas, anteriormente, ao longo deste Roteiro de Atividades e nas Orientações Pedagógicas.

Você deve observar: a) se as perguntas propostas são objetivas e pertinentes ao assunto e ao entrevistado; b) se a linguagem empregada é adequada ao gênero e ao perfil dos leitores; c) se a entrevista veicula informações o suficiente; d) se os recursos gráficos foram empregados de forma a distinguir as perguntas das respostas.

Na etapa final, é importante que você verifique se os textos produzidos estão de acordo com o tema proposto, se apresentam as características básicas dos gêneros. Caso contrário, indique aos seus alunos quais pontos devem ser revistos, orientando a sua reescritura.